

# COMEMOREMOS O 18 DE JANEIRO DE 1934

## DATA MEMORÁVEL DO MOVIMENTO OPERÁRIO PORTUGUÊS

Faz agora 41 anos que os trabalhadores da Marinha Grande pegaram em armas para se libertarem do domínio da burguesia opressora. A insurreição do povo marinhense assinala o momento de maior significado da luta contra o fascismo salazarista, no período da sua implantação. O 18 de Janeiro ficou, por isso, uma data memorável para a classe operária, uma marca inapagável do seu desejo de lutar e de libertar-se.

No dia 18 de Janeiro de 1934, o povo da Marinha Grande desencadeou uma insurreição armada e libertou a vila das mãos da polícia e das autoridades salazaristas, durante largas horas. Mas, como o movimento insurreccional não foi seguido no resto do país, a repressão pôde dominar o levantamento operário da Marinha Grande.

A acção armada da Marinha Grande assinala o ponto mais alto duma série de lutas operárias desencadeadas após a implantação da ditadura salazarista. Visando acabar definitivamente com os sindicatos livres, a Confederação Geral do Trabalho e os Sindicatos Vermelhos, o governo decretara, em Setembro de 1933, a criação do Estatuto do Trabalho Nacional que acabava com o direito à greve e introduzia o fascismo nos organismos legais dos trabalhadores, através dos chamados «Sindicatos Nacionais». Em Dezembro de 1933, a CGT, sindicato de orientação anarquista, contava 15 mil aderentes, enquanto os sindicatos vermelhos possuíam 25 mil. Estes publicavam 8 jornais diários com uma tiragem de 170 mil exemplares. Eram estas organizações legais operárias, bem implantadas nas fábricas, que o fascismo pretendia destruir.

Perante a ofensiva salazarista, a classe operária, que vivia numa situação de miséria e de desemprego, motivada pela crise económica que avassalava todo o mundo capitalista, desencadeou um grande movimento de massas (greves e manifestações de rua) em que participaram largos milhares de trabalhadores. Foi na

Marinha Grande que o Partido Comunista encabeçou devidamente a resposta a dar à fascização e organizou a insurreição popular.

Segundo o relato de José Gregório, que participou na direcção do movimento, as coisas passaram-se assim:

«Dada a convicção de que o movimento tomaria amplitude nacional, arreigou-se a ideia dum movimento insurreccional, com vista não só à luta contra a lei de fascização dos sindicatos, como também com o fim de derrubar o governo e instaurar um novo regime; para isso, começou-se a preparar o movimento na Mari-

estradas e impedir a passagem dos comboios e das torcas represivas».

«Na noite de 17 de Janeiro e segundo o plano estabelecido diz o relato noutra parte fez-se a concentração dos operários componentes das brigadas e muitos outros, assim como das armas, munições e ferramentas necessárias ao cumprimento do plano. Daqui, sob a direcção dum responsável que levava uma bridadeira vermelha, saíram cinco brigadas, de 5 operários cada uma, para o assalto ao posto da GNR, uma, dirigida por António Guerra para o assalto ao edifício dos Correios, duas para a interrupção da via férrea e várias outras para obstruir as estradas; outras brigadas saíram igualmente para cortar as linhas telefónicas.

«Deste modo, a uma hora da noite, quando toda a vila estava no mais completo silêncio e a seguir a um tiro disparado, todas as brigadas começaram a actuar. As brigadas agiram tão simultaneamente e com um fogo tão cerrado que os guardas julgaram estar perante uma força com armamento pesado e não tiveram ânimo para esboçar a mais ligeira resistência; pelo que não deram sequer um tiro e acabaram por se render e sair do posto. Depois de revistados, foram presos dentro duma dependência da Fábrica Nacional do Vidro, sob a guarda de operários armados de carabina. Com as armas e munições da Guarda, foram formadas novas brigadas para reforçar a defesa nas estradas. Passado pouco tempo, os correios estavam tomados, a linha férrea obstruída em dois pontos, as linhas telefónicas cortadas e as estradas cobertas de obstáculos».

«O tiroteio tinha despertado a vila e os seus arredores; das aldeias próximas, acorriam trabalhadores, homens, mulheres e jovens, que se dispunham a participar no movimento. No centro da vila, próximo do posto e da Câmara Municipal, iam-se juntando dezenas e dezenas de trabalhadores que, numa alegria indescritível, davam vivas à classe operária



As forças repressivas ocupam a Marinha Grande

### A INSURREIÇÃO DO 18 DE JANEIRO

«A notícia de que se ia organizar um movimento à escala nacional contra a fascização dos sindicatos e o governo teve bom acolhimento entre os trabalhadores da Marinha. Os trabalhadores viam nesse movimento a única maneira de pôr cobro às injustiças de que vinham sendo vítimas e verem satisfeitas as suas aspirações: abertura do sindicato encerrado pelos fascistas, aumento de salários, medidas contra o desemprego, e autoridades locais que servissem a classe operária e não para servirem os patrões, como até então vinha sucedendo,

para implantar um regime operário sob direcção dum soviete local.

Sob a direcção de Manuel Esteves de Carvalho, embora tuberculoso e imobilizado na cama, o «Comité nomeado para dirigir o movimento — diz mais à frente José Gregório — começou dias antes do 18 de Janeiro a recolher todas as armas caçadeiras, revólveres e pistolas, trabalhou no sentido de carregar cartuchos (com carga especial) e arranjar munições para as restantes armas. Por outro lado, recrutou operários para as brigadas de ataque ao posto da GNR, ao posto dos Correios, e outros para formarem as brigadas de derrubamento de árvores com o fim de obstruir as

ria, ao sindicato e ao Partido Comunista, misturados com morras ao governo e à polícia. Gritava-se: 'Vamos abrir o sindicato! Vamos nomear o soviete da vila! Vamos organizar a recolha dos abastecimentos para distribuir! Reforcemos a defesa da nossa terra!'

A repressão, porém, iria pôr um termo a este entusiasmo popular. A insurreição falhara no resto do país, por falta de unidade das forças revolucionárias. O governo não teve dificuldade em concentrar tropas sobre a Marinha Grande e desencadear o terror sobre a população insurgida.

## A LIÇÃO DO 18 DE JANEIRO

A insurreição operária da Marinha Grande acabara num fracasso político. Mas, já naquela altura, ela demonstrou a capacidade de luta dos trabalhadores, as suas armas para resistir ao fascismo, a capacidade de organização do operariado. Hoje, o 18 de Janeiro é um marco fundamental da história dos trabalhadores portugueses. Ele assinala a primeira vez em que a classe operária ousou tomar em mãos os seus destinos, dirigindo e encabeçando a insurreição, sem se arrastar atrás das classes que a oprimem.

Num tempo em que as correntes (...) reformista aumentam os seus esforços para contaminar os trabalhadores com os meios legalistas e pacifistas usados pela burguesia exploradora como um ópio de adormecer, o 18 de Janeiro indica a única via segura para a libertação das massas populares. A instauração do poder popular tem que ser obra da acção violenta das classes trabalhadoras, tem que ser obra da acção perseverante e organizada das largas massas de trabalhadores. A burguesia não abandona o poder e os seus privilégios se não for obrigada, pela força, a ceder. Eis as lições do 18 de Janeiro!

Cabe-nos saber aplicá-las à

nossa situação actual, enriquecendo o movimento operário com a sua melhor experiência.

(...)

O caminho do 18 de Janeiro é o da acção de massas: é o da organização da classe operária e de todo o povo, é o da sua mobilização para se opor, por meios violentos, à opressão do capital.

O 18 de Janeiro é o caminho próprio do movimento insurreccional das classes mais exploradas e não o da aventura desesperada da burguesia descontente. É por isso que a insurreição de 1934, na Marinha Grande, permanece para sempre na memória dos trabalhadores portugueses.

in "O Salto"  
Janeiro 1974

Nesta data em que também os reformistas se rpreparam para "Comemorar" o 18 de Janeiro é necessário que os revolucionários deitem por terra as suas tentativas de recuperar o carácter revolucionária da insurreição da Marinha Grande-para propagandear a sua traição à classe operária e atrelar aquele acto revolucionário as classes que a oprimem, desmascarando em todos os locais os seus intentos e divulgando a via da insurreição armada para destruir o poder da burguesia e instaurar um regime popular em que o proletariado exercerá uma férrea ditadura sobre a burguesia parasita, a unica via segura que os explorados de todo o mundo para a sua emancipação total.

As C.E.U.R.s, como organização estudantil de unidade revolucionária que lutam para ganhar os estudantes para a causa dos explorados e para a Revolução Popular, prestam nesta data uma sentida homenagem a este exemplo de luta dos trabalhadores que deve ser um exemplo para todos os revolucionários portugueses que dele devem tirar as devidas lições. Nesse sentido as CEURs convocam para dia 17 -às 16 horas no Salão Nobre do Técnico um Comício para comemorar esta data histórica.

**Comício 6ª feira, 17, às 16h.**  
**salão nobre do IST**